



PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL DA MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA DA CAMPANHA MERIDIONAL MEDIANTE A (RE) ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO RURAL

Ana Luiza Pinto Alves
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Meri Lourdes Bezzi
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Resumo

A pesquisa tem como objetivo geral analisar as perspectivas de desenvolvimento regional da Microrregião Geográfica da Campanha Meridional, identificando as potencialidades e as fragilidades do espaço rural, o qual é a base da economia deste recorte espacial. A Microrregião em análise está localizada na Metade Sul do Estado do Rio Grande do Sul, a qual é constituída por cinco municípios (Aceguá, Bagé, Dom Pedrito, Hulha Negra e Lavras do Sul), sendo considerada como uma das microrregiões mais atrasadas economicamente, aliando a cultura e a política, com a formação de lideranças regionais que se perpetuam no poder e na economia local/regional por meio da coexistência da pecuária extensiva tradicional e na inserção de novos atores econômicos, que marcam a influência do capital como um agente que “tenta” romper as barreiras impostas por tradições seculares. Desta forma, justifica-se a releitura do espaço geográfico da Campanha Meridional, a qual permitirá identificar estratégias socioeconômicas a serem exploradas. Metodologicamente a pesquisa foi estruturada em etapas: 1ª levantamento bibliográfico; 2ª Coleta dados (fontes secundárias); 3ª trabalho de campo e 4ª análise interpretação dos resultados. Neste sentido, pretende-se compreender a dinâmica deste recorte espacial, o qual está sendo constantemente transformado em decorrência da inserção do capital, bem como, analisando as viabilidades de desenvolvimento regional.

Palavras-chave: Transformações espaciais. Desenvolvimento regional. Cadeias produtivas. Geografia Agrária.

INTRODUÇÃO

A organização do espaço está intimamente atrelada à transformação e evolução da sociedade, mantendo-se em um processo contínuo de desenvolvimento, sendo esta determinada pela tecnologia, pela cultura e pelas relações sociais que a empreendem.

O estabelecimento de um processo produtivo da sociedade, da forma como organiza os meios de produção, determina a produção e a transformação do espaço. Desta forma, o espaço constitui-se no palco para as diferentes atividades humanas, de acordo com seus distintos interesses (MORAES, 2009).

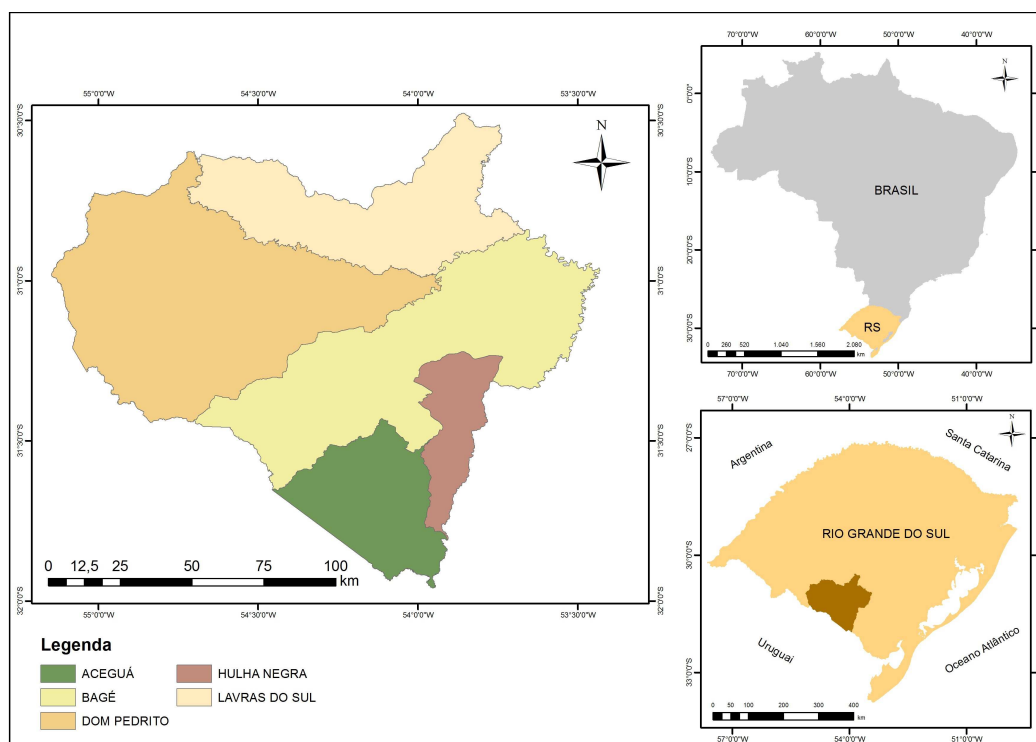


O espaço geográfico apresenta em cada momento histórico as características da sociedade que o produz e/ou reproduz. Esta dinâmica é constante no processo evolutivo das sociedades, acarretando transformações profundas, originando novas formas e fazendo com que velhas formas assumam novas funções (SANTOS, 1978).

Neste sentido, pode-se citar as atividades agropecuárias, as quais têm passado por diversas e importantes transformações, mediante a modernização de suas atividades. Assim, o espaço rural se redesenha e se reorganiza na medida em que novos atores econômicos e tecnologias são incorporados à sua produção, rearticulando economicamente e socialmente o local e o regional.

Desta forma, a pesquisa tem como objetivo analisar as perspectivas de desenvolvimento regional da Microrregião Geográfica da Campanha Meridional, identificando as potencialidades e as fragilidades do espaço rural (Figura 1).

Figura 1: Mapa de localização da Microrregião Geográfica da Campanha Meridional (MRG 031)



Fonte: IBGE, 2015.

Ressalta-se a pertinência deste estudo, pois a Microrregião em análise está localizada na Metade Sul do Estado do Rio Grande do Sul, a qual é constituída por cinco



municípios (Aceguá, Bagé, Dom Pedrito, Hulha Negra e Lavras do Sul), sendo considerada como um dos recortes espaciais mais atrasados economicamente, constituindo uma microrregião que alia sob a ótica da cultura, a política, com a formação de lideranças regionais que se perpetuam no poder e na economia por meio da coexistência da pecuária extensiva tradicional e a inserção de novos atores econômicos, que marcam a influência do capital como um agente que “tenta” romper as barreiras impostas por tradições seculares.

A estrutura metodológica da pesquisa está dividida em etapas. Na primeira etapa, realizou-se o levantamento bibliográfico, o qual estruturou a matriz teórica do trabalho. Posteriormente, coletou-se dados, relativos ao espaço agrário, no Sistema IBGE de Recuperação Automática. A terceira etapa, esteve relacionada ao trabalho de campo, em que foi possível realizar entrevistas com os órgãos gestores (Secretarias de Agricultura e Pecuária, EMATER, IRGA, Associações e Sindicatos Rurais) e com produtores rurais (amostragem aleatória, de modo intencional). Por fim, a última etapa, consistiu na análise e interpretação dos resultados, bem como, na identificação das potencialidades e das fragilidades da Microrregião, que influenciam em seu desenvolvimento regional.

Revisão teórica

Globalização, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional

O processo de globalização ocorre com maior ou menor intensidade em diversos países, apresentando diferenciação dentro de um mesmo local. Isto ocorre devido à variabilidade de atrativos de determinado lugar, dentro de uma rede global. Estes atrativos estão relacionados a fatores, tais como potencialidades, tanto no mercado externo quanto no interno, importância e disponibilidade de matéria prima, políticas públicas em nível estadual e nacional e até mesmo o nível de corrupção da gestão.

Neste sentido, Campanhola; Graziano da Silva (2000, p. 15) afirmam

A globalização não distribui seus custos e benefícios igualmente entre os diferentes países, nem elimina a necessidade de haver a intervenção dos estados nacionais para a integração regional, pois toda a lógica do seu movimento tem um caráter de concorrência predatória e de especulação patrimonialista, que só pode ser contida e regulada por novas formas e por reforços dos mecanismos de intervenção delineados nas políticas públicas.

A globalização tende a excluir países, regiões, territórios e lugares, ela está longe de ser um fenômeno mundial de homogeneização, mas de exclusão, aumentando as desigualdades e diferenciando áreas. Nesta perspectiva, Santos (1996b, p. 271) afirma que "Não existe um espaço global, mas, apenas, espaços da globalização. [...] O Mundo, porém, é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares".

As estratégias locais são direcionadas de acordo com as forças globais, em que há uma dependência mútua. Para a estruturação de estratégias, destaca-se a relevância do papel do governo na gestão e na criação de políticas públicas que venham a contribuir no desenvolvimento local/regional, pois esse, dado o uso das atribuições que lhes são conferidas, deve representar e atender os anseios do Estado, pensando de modo estratégico e agindo com planejamento, almejando o bem público, a qual ocorre com a intervenção de políticas públicas (SILVA; BASSI, 2011).

Então, torna-se fundamental, saber o papel do poder público na regulamentação, gestão e criação de políticas públicas, a qual difere entre lugares, regiões e até mesmo dentro de um país. Neste sentido, resgata-se Farah Júnior (2012, p. 39), quando o autor afirma

O Estado moderno tem vários papéis a desempenhar em uma sociedade como a brasileira, que tem características multiculturais, sociais, econômicas e produtivas. São realidades bastante diferentes em cada região, estados federados e, dentro destes, em suas diversas regiões. Portanto, não há uma regra e orientação única para que o poder público, em seus três níveis de poder, atue para atender as necessidades e demandas da sociedade.

Contudo, o planejamento para a gestão das políticas públicas torna-se um fator determinante, em que essas devem ser mais do que a geração de intenções, e sim a geração de ações, pois se sabe que existem inúmeras políticas públicas, e que se fossem executadas trariam diversos benefícios coletivos, porém, nem sempre são de fácil acesso a todos que necessitam.

Neste sentido, é importante a realização de diagnósticos e prognósticos para a execução de um planejamento, pois de acordo com Campanhola; Graziano da Silva (2000, p. 20)



Mediante um diagnóstico bem elaborado, pode-se identificar os principais problemas e reivindicações e propor as principais linhas de uma política de desenvolvimento para o município. Entre essas linhas destacam-se: a qualidade de vida; a renda dos agricultores familiares; o acesso a novas tecnologias e alternativas de produção que garantam a qualidade e a conservação do meio ambiente; a infraestrutura produtiva e social; a assistência técnica e a formação profissional dos agricultores; a qualidade da educação rural; o acesso à saúde gratuita; a valorização do conhecimento e da cultura da população local, a participação dos jovens, mulheres e idosos; e a organização dos agricultores e sua participação nas decisões que envolvam as políticas para o município. [...] A elaboração de planos e políticas, porém, é apenas o início do processo. Resta saber como essas políticas serão implantadas e, mais que isso, como elas serão monitoradas e avaliadas.

Considerando o planejamento, não basta atrair grandes empresas, é necessário o planejamento das políticas públicas por parte do poder público para que elas sejam eficientes. É essencial que haja uma análise social, econômica e cultural de cada região e/ou lugar que se possa planejar. Para isso é necessário a contribuição da população, para que se construa juntamente a este grupo, propostas que venham a minimizar e/ou resolver as dificuldades locais/regionais.

No entanto, o que se tem realmente, é a influência direta de grandes empresas internacionais, as quais se sobrepõem ao Estado. Tal fato ocorre, pois se tem um Estado pouco organizado para atuar no planejamento territorial, promovendo o desenvolvimento de uma nação, estado, região ou município, deixa-se a mercê do capital o controle de regulação. Portanto, a ação pública concentra-se na atração de empresas, como se elas fossem a grande saída para o desenvolvimento (CARGNIN, 2011).

Desse modo, há muitas vezes o descaso com os interesses locais e regionais, em que o planejamento torna-se mera articulação governamental, sem que haja a participação e a integração da população neste processo. Neste sentido, Farah Júnior (2012, p. 50) relata

No estágio atual da sociedade brasileira há um consenso de que, embora o poder público tenha um papel relevante na ordenação e planejamento do futuro do país, estados e municípios, isoladamente o governo, embora disponha de muitos recursos não sob seu domínio todas as competências, recursos, habilidades e saberes para equacionar todas as carências da sociedade. [...] maior chance de sucesso quando ocorre a participação efetiva da sociedade por meio de órgãos e entidades que representem trabalhadores e empresários, instituições públicas e privadas de fomento, pesquisa, ciência e tecnologia, entre tantas outras existentes. É aqui que se requer por parte do poder público, a busca da integração e da sinergia às ações (governamentais e não governamentais) [...] que poderão ser



realizadas em conjunto com a sociedade e encontrar a solução dos problemas local, regional, estadual, inter-regional e nacional.

Considerando a importância do planejamento em escala regional, Cargnin (2011) aborda que a grande dificuldade de realizá-lo, está relacionada ao fato de os representantes regionais não fazerem parte de uma estrutura político-administrativa do Estado, os quais não possuem capacidade direta de gestão e nem participação em orçamentos. Desse modo, os atores locais se sobrepõem aos regionais, negociando diretamente com escalas maiores. Neste sentido, é necessária a articulação desses últimos, priorizando o desenvolvimento da região e não apenas de um determinado local.

Desse modo, o desenvolvimento regional resulta de duas forças, a externa (dinâmica econômica e de reprodução do capital) e a interna (aspectos sociais e ambientais), em que ambas devem ser analisadas e consideradas para o desenvolvimento de políticas públicas. Porém, é nesse processo de integração dos interesses locais aos globais, que os agentes regionais encontram dificuldades.

No entanto, de acordo com Siedenberg (2003, p. 166) observa-se que

As diretrizes de desenvolvimento atualmente empregadas são uma mescla de experiências, resignações, restrições e possibilidades, e a globalização do conhecimento funde e reapresenta, constantemente, ideias, estratégias e práticas de sucesso com outras ainda não consolidadas ou, mesmo, com concepções e políticas que, pelas mais diferentes razões, não tiveram êxito em outros espaços.

Portanto, não basta aplicar uma teoria e/ou um modelo de desenvolvimento, para que as estratégias sejam eficazes, é necessário que haja o aproveitamento das diferenças regionais, aproveitando as suas vantagens e suas especificidades. O desenvolvimento não ocorre de modo uniforme no espaço, por isso têm-se regiões mais desenvolvidas, se comparadas a outras.

Com estas diferenciações regionais, têm-se espaços mais competitivos e estratégicos que outros. Desta forma, o que se observa é uma influência global atuando sobre o regional e o local, pois essa vem influenciando diretamente, a partir de tomadas de decisões, optando por uma determinada localização em um território específico, pensando unicamente em sua estratégia de mercado, gerando investimentos e oportunidades de empregos e negócios naquele local, acentuando ainda mais as desigualdades existentes. E

o que se observa, é um Estado tentando regular e evitar ainda mais as fragilidades sociais e econômicas (CARGNIN, 2011).

Pode-se afirmar então que não há uma única alternativa para alcançar o desenvolvimento regional, para isso, deve-se respeitar e compreender as particularidades locais, sejam elas de ordem social, econômica e/ou cultural.

Análise do espaço rural da Microrregião Geográfica da Campanha Meridional e as perspectivas de desenvolvimento regional

A economia da Microrregião Geográfica da Campanha Meridional está estruturada no setor primário, principalmente na pecuária bovina (corte e leite), ovina e equina, e pela agricultura com base na lavoura de arroz, e mais recentemente, no cultivo da soja. Ressalta-se que esses produtos estão na melhor fase econômica já ocorrida neste setor ao longo da história.

É importante enfatizar que a agricultura, tem maior relevância econômica, porém a pecuária tem maior importância social, envolvendo mais pessoas contratadas, familiares envolvidas e em número de propriedades.

Pecuária bovina, ovina e equina

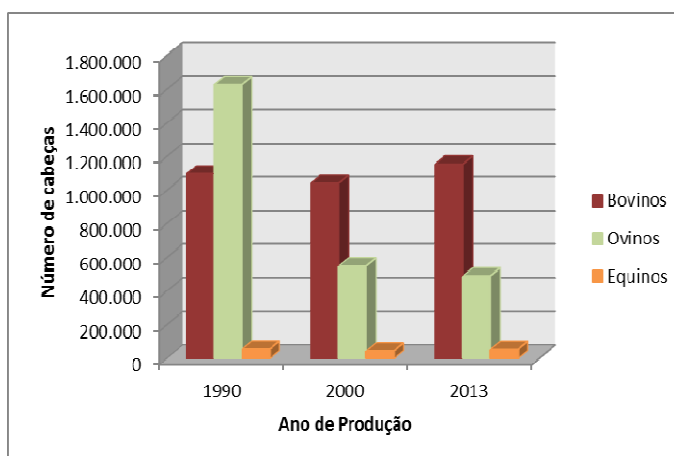
A pecuária caracteriza-se como a primeira cadeia produtiva da Microrregião da Campanha Meridional, a qual tem suas origens nos aspectos históricos de ocupação e povoamento do Estado gaúcho. Essa se consolidou por meio dos latifúndios pastoris, na sua maior parte de modo extensivo. Desta forma, o setor da pecuária local está baseado, principalmente, na produção de bovinos, equinos e ovinos e seus derivados.

A pecuária bovina tem apresentado estabilidade em número de cabeças, permanecendo, na atualidade, como a principal atividade do setor primário regional, pois a criação de gado de corte se constitui em um dos seus alicerces econômicos. Embora a produção tenha decrescido entre os anos de 1991 e 2001, ressalta-se que este declínio é justificado pela expansão das lavouras empresárias que ocorreram em áreas de pecuária tradicional. No entanto, esta cadeia produtiva retorna seu crescimento no ano de 2013, mediante o crescente valor de mercado do gado de corte e do selo de qualidade da carne que foi agregado ao produto (Gráfico 1).



Em relação à pecuária bovina, os resultados satisfatórios na atualidade, estão vinculados ao alto valor de mercado da carne, juntamente com os investimentos técnicos implementados.

Gráfico 1 – Pecuária Bovina na Microrregião Geográfica da Campanha Meridional



Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática, 2015.

A produção bovina continua sendo desenvolvida, em sua maior parte, de modo extensivo, tal como era no início de seu processo histórico. Ressalta-se, porém, que há um crescente grau de modernização para que esta cadeia produtiva se estruture e torne-se, cada vez mais competitiva, tanto no mercado interno, quanto no externo. Percebe-se na atualidade, uma maior preocupação dos pecuaristas com a produção, por meio de novos métodos de reprodução e de criação animal (inseminação), a escolha de touros reprodutores e o confinamento do gado em áreas menores. Tal fato, mostra um início de mudança de comportamento do produtor.

Entre os avanços observados, ressalta-se a inseminação, como um dos principais recursos utilizados. Desse modo, destaca-se a importância do Projeto Dissemina, desenvolvido pelo governo estadual, o qual vem auxiliando os pecuaristas através da distribuição de sêmen e apoio técnico aos pequenos e médios produtores. Outro fator a ser enfatizado é o selo de qualidade da carne da Campanha Gaúcha, o qual permite agregar valor ao produto no mercado local/regional. Têm-se então, cortes de carnes nobres que utilizam procedimentos e cuidados tradicionais atreladas às técnicas modernas de produção, produzindo carnes diferenciadas, conquistando um nicho específico e um crescente número de consumidores. Mediante, os resultados obtidos, um grupo de pecuaristas fundou a



Associação dos Produtores do Pampa Gaúcho (AGROPAMPA), a qual não possui fins lucrativos. Ela é formada por produtores rurais, pela indústria frigorífica, varejo e outros agentes ligados a cadeia da bovinocultura de corte direta ou indiretamente, tendo como principal objetivo a preservação e proteção da indicação geográfica¹ da carne, do couro e de seus derivados, funcionando como selo de garantia de qualidade para a carne da Microrregião da Campanha Meridional.

É importante destacar que buscando viabilizar a modernização intensiva da pecuária desenvolve-se, na microrregião, um significativo número de cabanhas², as quais tem por objetivo o melhoramento genético, representando uma pecuária que se utiliza de alta tecnologia, manejo e técnicas avançadas, visando tanto o mercado nacional como o internacional. Citam-se entre as mais expressivas: Cabanha Campana, Cabanha Tupambaé, Cabanha Mangueira de Pedra, Cabanha Cinco Salsos, Cabanha Santa Edwiges, Cabanha São Francisco, Cabanha Quilero, Cabanha Maya. Destaca-se, a criação de importantes raças, tais como Jersey, Angus, Holandês, Charolês, Hereford, entre outros.

É importante destacar também a presença de frigoríficos, os quais são expressivos na Campanha Meridional. Salienta-se que esses estão sendo criados, revitalizados ou em processo de expansão, demonstrando a tradição pastoril dessa unidade territorial. Destacam-se como principais frigoríficos: Frigorífico Luzardo Peres, Producarne Frigorífico, Frigorífico Pampeano, Frigorífico Mercosul, Be Comércio Indústria Importação e Exportação Ltda, Frigorífico Independência, entre outros.

Outro segmento importante da pecuária na microrregião em análise é a especialização na criação de carneiros e suas vendas em feiras e remates. Destaca-se o Município de Lavras do Sul, não só na criação, mas também como um excelente ponto comercial, realizando feiras de carneiros e remates que ocorrem semanalmente, atraindo produtores de todos os municípios desta MRG e central do Estado gaúcho. Estas feiras são relevantes economicamente e socialmente aos produtores em função das vendas e, também, por permitirem a troca de ideias e de novidades que venham a contribuir na criação dos animais.

¹ O registro de Indicação Geográfica é conferido a produtos ou serviços que são característicos de determinado local de origem, atribuindo reputação, valor de mercado e identidade própria, distinguindo-os de outros produtos do mercado.

² Estabelecimento rural destinada a criações de animais, utilizando técnicas avançadas de criação e reprodução.



Outro fator a ser destacado, é a questão das potencialidades naturais, principalmente dos solos e do clima da Microrregião da Campanha Meridional, a qual é considerada um local de qualidade para a procriação e criação dos animais.

Percebe-se na atualidade, uma transformação nas características dos produtores, pois há preocupação por parte dos pecuaristas de investir em melhorias genéticas e em técnicas na criação, se comparadas a décadas anteriores. Infere-se que estas alterações produtivas estão ocorrendo para que não seja necessário vender e/ou arrendar os campos para os agricultores, uma vez que, o agricultor (denominado gringo) é mais empreendedor e, muitas vezes, acabam comprando as terras, o que ocasionaria a perda do *status quo* do pecuarista advindo da propriedade da terra geralmente passado por gerações neste recorte espacial.

Com o trabalho de campo, foi possível constatar dois perfis de pecuaristas. O primeiro, é o pecuarista tradicional, normalmente detentor de pequena propriedade, e o segundo, mais recente, é o que denomina de novo pecuarista (grande propriedade). Este apresenta uma visão empreendedora e comercial, comprando e vendendo animais em feiras, sendo esse, parceiro dos agricultores ou, até mesmo, agricultor de arroz e de soja que investe nestes animais e os utiliza na resteva³ dos produtos cultivados na sua propriedade.

Em relação a pecuária bovina leiteira, ressalta-se também que além da carne em meados dos anos 2000, a cadeia produtiva do leite vem se destacando no mercado, a qual vem crescendo significativamente, principalmente entre os agricultores familiares da microrregião. Pois os pequenos produtores que se encontram em melhores condições financeiras são os que trabalham com esta produção. A venda do leite está sendo destinada a duas grandes empresas: Brasil Foods (Elegê) e Consulati (Danby). Portanto, a cadeia produtiva do leite tem viabilizado, a este segmento, avanços socioeconômicos e, conseqüentemente, melhorias nas condições de vida dos produtores.

Quanto a pecuária ovina, observa-se no gráfico 1, que no período de 1991-2013 houve uma diminuição significativa na sua produção. Tal fato se deve, a fibra sintética que começou a ser utilizada de modo expressivo, o que acarretou declínio no preço da lã, desestimulando a criação de ovelhas para essa finalidade. No entanto, há a tendência desta

³ Terras em que foi realizada a colheita recentemente, na quais ainda se encontram restos das plantas retiradas.



produção aumentar nos próximos anos, em função do incremento do preço da lã e também da carne, juntamente com o Projeto Mais Ovinos (que visa o crescimento do número de cabeças de ovinos no Estado gaúcho), o que conseqüentemente, está estimulando os produtores que haviam “desistido” desta produção, a retornarem a este mercado.

Ressalta-se que tal como na pecuária bovina, foi criado o selo de qualidade da carne ovina, o qual contribuiu para o aumento do preço da carne, reestimulando os produtores a retomarem a criação. É importante destacar que, o selo de qualidade da lã, o qual também visa estimular a produção, encontra-se em processo de aprovação.

Salienta-se que, os criadores de ovinos são desorganizados entre si e tradicionais culturalmente. Tal fato dificulta o avanço desta cadeia produtiva, pois há uma relutância em adquirir e inserir ações modernas de produção em suas propriedades. Desta forma, é necessário que haja uma organização de grupos de produtores por meio de associações para que possibilite melhoras na produção.

Neste sentido, faz-se importante qualificar a criação, cruzando animais de mesma raça, utilizando melhoramentos genéticos, o que tenderia a aumentar a qualidade da lã e da carne no mercado, pois a Microrregião tem um potencial significativo para a expansão da mesma.

A Campanha Meridional destaca-se também pela presença de diversos Haras, com a criação de cavalos puro-sangue-inglês. Vale ressaltar que esses haras são em sua maioria oriundos de capital de empresários e investidores de grandes centros urbanos, e até mesmo, de capital internacional. Nos últimos anos, a Microrregião, tornou-se conhecida como o maior centro de cavalos de corrida do Brasil, possuindo aproximadamente 22 haras. Entre os principais citam-se: Haras Doce Vale, Haras Fazenda Mondesir, Haras Lorolu, Haras Old Friends, Haras Santa Ana do Rio Grande e Haras TNT.

Percebe-se, no entanto que, a tendência entre os criadores de equinos da microrregião esteja na criação de cavalos crioulos por meio das cabanhas. A preferência em investir em cabanhas do que em Haras se deve ao padrão estético e comercial que esse último exige, sendo necessário capital elevado para sua instalação. Deste modo, o cavalo crioulo ainda que inferior ao puro-sangue-inglês é um excelente animal para trabalho e competições, e com um valor comercial excelente. A maior parte de suas vendas ocorrem de modo particular e com corretores geralmente locais.

Desse modo, pode-se avaliar que a pecuária desempenha um papel importante na estrutura produtiva local, em que as boas condições tanto da pecuária bovina, ovina, quanto



equina são resultantes de investimentos financeiros e incrementos genéticos, beneficiados pelo atual preço das carnes e da lã no mercado, pela inserção do turismo rural ainda em pequena escala (via pousadas em estâncias e atividades ligadas ao campo), e a valorização do regionalismo, fazendo com que ressaltem as características tradicionais do município, a qual está vinculada culturalmente ao setor pecuarista.

Agricultura: o cultivo do arroz e da soja

Paralelamente à atividade pecuarista, a partir da década de 1920, estruturou-se, na Campanha Meridional, uma nova configuração espacial, através da inserção das lavouras comerciais baseadas no arroz. A cultura do arroz teve a sua inserção gradativa a partir do século XX, marcada pelo processo de despecuarização espacial, ou seja, a cedência de terra por parte do latifúndio pastoril à agricultura. Esta dinâmica só foi possível vinculada a inserção da lavoura empresarial mecanizada e competitiva no mercado interno e externo, imprescindível para que se viabilizasse seu desenvolvimento, uma vez que, na sua maioria, as lavouras são realizadas via arrendamento de terras da pecuária (BEZZI, 1985).

Na microrregião em estudo, observa-se um alto grau de mecanização na produção orizícola, em que os produtores não economizam nas práticas que fornecem resultados satisfatórios, a fim de obter elevados índices de produtividade, sendo que essa varia de acordo com as condições naturais da microrregião.

Observando os dados do gráfico 2, percebe-se que a lavoura orizícola cresceu significativamente no período de duas décadas, passando a sua quantidade produzida de 46.275 toneladas (1990) para 520.434 toneladas (2013). Tal fato, revela a dinâmica que esse cultivo exerce no município. Salienta-se que esta expansão, deve-se ao crescente incentivo dado a essa atividade por órgãos como: INCRA, EMATER, EMBRAPA e o próprio Governo do Estado, através das Secretarias Municipais de Agricultura.

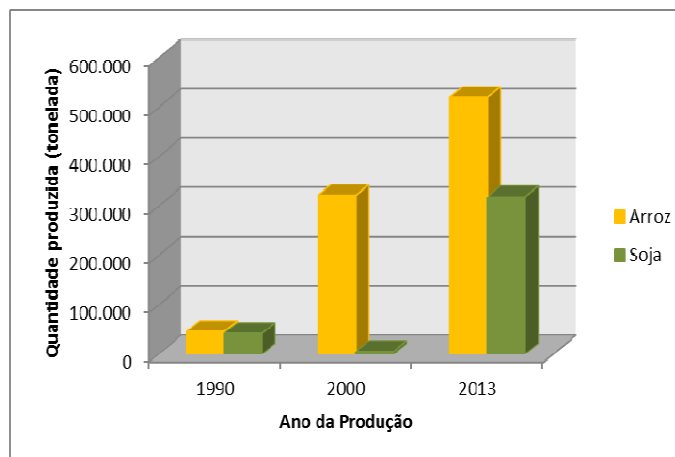
A agricultura encontra-se em expansão em todos os municípios pertencentes à Microrregião em análise. As lavouras são consideradas partes integrantes no alicerce atual da pecuária, pois o consorciamento entre o pecuarista e o agricultor, por meio das pastagens de inverno, tem fornecido melhores campos para pastagem e alimentação do gado com a resteva.

As lavouras de arroz encontram dificuldades para se expandir, pois a falta de água – evento comum na Microrregião – dificulta a expansão desta produção, uma vez que, as



lavouras de arroz são irrigadas por áreas de inundação. Quanto ao perfil do agricultor, este geralmente produz o arroz e a soja de modo consorciado, por meio de rotação de terras, gerando renda diversificada. Ressalva-se que o cultivo de arroz possui mais segurança quanto à perda de produção e a estabilidade de preço no mercado, se comparada à lavoura de soja. Tal fato, estimula o agricultor a continuar com esta lavoura utilizando técnicas modernas de produção e armazenamento.

Gráfico 2 – Agricultura do Arroz e da Soja na Microrregião Geográfica da Campanha Meridional



Fonte: Sistema IBGE de Recuperação Automática, 2015.

A lavoura da soja surge no cenário da Campanha Meridional, a partir da década de 70/80, sendo responsável por novos arranjos espaciais no setor primário da microrregião.

Em relação a sua produção, pode-se observar no gráfico 2, que a lavoura de soja está em crescimento em todos os municípios da microrregião, com tendência a se expandir nos próximos anos. Pode-se afirmar que em alguns municípios como Bagé, Hulha Negra e Lavras do Sul, a lavoura da soja já superou as de arroz. Isto se explica pelo seu valor de mercado interno e externo.

As extensas áreas disponíveis, que caracterizam os latifúndios da Campanha Meridional, demonstraram-se favoráveis à incorporação da soja. Também, as potencialidades naturais permitiram a introdução dessa cultura via tecnologia, inserindo-se na tradicional matriz produtiva da pecuária e do arroz. A lavoura de soja e a do arroz mantêm a concentração da terra na microrregião, pois sua inserção viabilizou-se, através do arrendamento. Pode-se afirmar também que, há uma tendência ao crescimento espacial das lavouras de soja em detrimento das orizícolas, pois o valor de mercado é mais satisfatório



para esta cultura. Tal fato faz com que diversos produtores direcionem suas lavouras para este cultivo.

Outro fator a se destacar na produção de soja é a sustentabilidade deste cultivo, uma vez que, os solos desta microrregião são rasos, o que destruiria o solo nativo, podendo gerar perdas a médio e a longo prazo. Tal fato, pode levar o agricultor a ter dificuldades em pagar o arrendatário. Conforme informações obtidas com o IRGA, cerca de 70 a 80% das lavouras são de terras arrendadas.

Ressalta-se que, a viabilidade de políticas de créditos e financiamentos é um dos fatores predominantes para a presença da agricultura empresarial, em áreas tradicionais da pecuária. Essas são direcionadas ao setor primário, através de órgãos de fomento, via políticas públicas, estabelecidas pelo governo Estadual e Federal.

Fruticultura

A fruticultura na Campanha Meridional está baseada principalmente na produção de uva e oliva. Estas culturas estão geralmente presente em médias e grandes propriedades, e/ou em áreas menores realizadas por produtores capitalizados, cujo capital é gerado em outras fontes, que não são advindas do campo. Neste sentido, percebe-se, de acordo com as entrevistas realizadas com os produtores, que os diversos programas e incentivos governamentais para a expansão desta cadeia produtiva na microrregião, acabam beneficiando produtores que possuem uma economia estável, que não dependem exclusivamente do campo, pois são médicos, militares, aposentados, advogados, entre outros. O valor para o plantio de um hectare de uva é de aproximadamente 45 mil reais, e para o plantio de um hectare de oliveiras, aproximadamente 7 mil reais. Desta forma, estas culturas não estimulam os pequenos produtores, ou seja, aqueles que realmente precisam de auxílio e/ou subsídios no campo.

Ressalta-se que a fruticultura quando instaladas em pequenas propriedades, por meio de políticas públicas e por doação de mudas, tais como o PROFRUTA e o Olivais do Pampa, estas produções possuem pouco ou nenhum acompanhamento técnico, ou então, não estão adequadas para aquele tipo de solo. É importante salientar que tentar inserir cadeias produtivas de alto custo e ainda sem indústrias de beneficiamento aos pequenos produtores, é colocá-los em uma situação de risco, tanto econômico quanto socialmente,

pois no início, os produtores recebem apoio técnico e incentivo, no entanto, pela escassez de técnicos, acabam não sendo acompanhados no processo de produção.

Quanto a fruticultura, o Município de Hulha Negra, está desenvolvendo um projeto de vitivicultura orgânica, em 22 pequenas propriedades, meio hectare por produtor, destinado à uva para suco. A ideia é que o suco seja produzido localmente, juntamente com o Município de Candiota, com a finalidade de ser comercializado localmente e para merenda escolar. O desenvolvimento deste projeto contará com a ajuda técnica da EMATER local e regional, UFPel e Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

O alto valor do custo de plantio e manutenção dos parreirais de uva fez com que o cultivo declinasse nos últimos anos, pois todo custo de produção são de responsabilidade dos produtores. Assim, as únicas beneficiadas, com esta produção, são as vinícolas. É importante salientar que existem, ainda que poucos produtores de uva, que estão produzindo vinhos artesanais e comercializando localmente. Estes produtores não vivem exclusivamente da vinícola, pois são também pecuaristas, agricultores de hortigranjeiros, de arroz e de soja.

É importante destacar que os produtores repassam suas safras para as vinícolas da Serra Gaúcha, entre elas a Salton e a Miolo e também para a vinícola local Peruzzo. Há ainda, a presença de indústrias de beneficiamento situadas nos municípios vizinhos, o que torna a produção de uva, uma alternativa produtiva na microrregião, mas com muitas dificuldades a serem superadas.

Em relação aos produtores de oliveiras – geralmente antigo produtor de uva – salienta-se que estão se organizando por meio de associativismos, tendo como objetivo a estruturação de uma pequena agroindústria para produção do Azeite de Oliva Extra Virgem do Pampa. Entretanto, não existem dados desta iniciativa local, uma vez que, ainda não houve colheita.

Silvicultura

A silvicultura se configura como uma atividade que foi inserida visando diversificar e dinamizar as atividades agropecuárias. Estudos realizados pela empresa Stora-Enso na América Latina, afirmam que o Rio Grande do Sul apresentou as condições competitivas ideais como: área disponível, qualidade do solo, logística e disponibilidade de mão de obra.



Desta forma, o plantio tem financiamento de grandes grupos ligados à produção de celulose, como Stora Enzo e Fibria (incorporação das ações da Aracruz Celulose pela Votorantim Celulose e Papel em 2009), há ainda produtores que se inseriram ao cultivo de modo particular.

O plantio da silvicultura encontra-se estagnada na microrregião. Ela não está se expandindo, e ainda não foram realizados os cortes, uma vez que, o valor de mercado encontra-se abaixo do esperado. Mediante esta situação, os produtores que tiveram o apoio das grandes empresas já estão recebendo os lucros, mesmo sem ter sido realizado os cortes das árvores. No entanto, os produtores que realizaram o plantio sem auxílio financeiro, encontram-se arrependidos, pelo baixo valor comercial do produto no mercado e, também, por terem “perdido” grande parte de suas áreas produtivas, pois o plantio foi realizado sem acompanhamento técnico. Tal fato, fez com que as árvores fossem plantadas muito próximas, impedindo a entrada da luz solar, ocasionando consequências na vegetação rasteira, a qual se desenvolveu, e não possibilitou a pastagem do gado.

Ressalta-se ainda que há advertências quanto ao meio ambiente, pois a plantação de espécies exóticas e de grande porte poderá ser responsável por prejuízos ambientais às reservas hídricas, ao solo, ao clima, a fauna e a flora. Tais advertências baseiam-se em discussões de cunho ecológico que afirmam que o eucalipto necessita de água abundante para o seu desenvolvimento, além de bloquear o crescimento da vegetação rasteira nativa do bioma Pampa.

O debate sobre a sustentabilidade destas árvores está aumentando na Microrregião, pois os efeitos negativos já podem ser constatados, pois muitas mudas foram plantadas em solos de alta qualidade, desperdiçando áreas que poderiam ser aproveitadas para outras produções, além do fato destas árvores atraírem caturritas e javalis. As caturritas dificultam a manutenção de parreirais, figueiras, árvores frutíferas em geral e plantações de milho, e os javalis atacam terneiros nos campos, causando diversos prejuízos aos produtores rurais.

Quanto ao desenvolvimento e incentivo da silvicultura, essa só viria a contribuir para o meio rural, se fosse praticada no sistema agrosilvopastoril. Nesse, as árvores (em pouco número) deveriam ser plantadas em áreas inapropriadas dentro de cada propriedade, nos solos que apresentassem baixa qualidade ou fossem rasos e pedregosos, sendo utilizado apenas para conforto animal.



Mão de obra, assistência técnica e linhas de crédito

A mão de obra é considerada um entrave ao desenvolvimento local/regional, pois é difícil manter os trabalhadores no campo. As facilidades e confortos da cidade acabam atraindo os mesmos. Desse modo, está cada vez mais escassa a mão de obra para trabalhar no meio rural. Outro fator que contribui é a questão da mulher. Se a esposa for para a cidade com os filhos, o marido fica sozinho no campo. Neste sentido, muitas vezes, ele prefere trabalhar informalmente na cidade, morando em áreas suburbanas, em um trabalho braçal, com baixa remuneração, para ficar próximo da família.

Tal circunstância reflete na diminuição da mão de obra permanente no campo. Também, o processo de modernização do campo foi responsável pela diminuição da mão de obra permanente. No entanto, observa-se o aumento da mão de obra temporária (diaristas) em função das lavouras nas épocas de plantio e colheita.

Quanto à origem desta mão de obra, quando não é da própria Microrregião é oriunda de municípios e regiões do centro do Rio Grande do Sul (Quarta Colônia, São Pedro, São Sepé, Júlio de Castilhos, entre outros). Este aumento gradativo da mão de obra temporária pode ser justificada pelo fato de que a grande maioria dos agricultores da Microrregião serem oriundos do centro e noroeste do Estado gaúcho.

A necessidade de buscar mão de obra em outros municípios, também ocorre pela diminuição do número de jovens que permanecem no campo. Ressalta-se que quando se consegue trabalhadores rurais, esses possuem pouca ou nenhuma qualificação. Destaca-se que há cursos técnicos na Microrregião, através das universidades, institutos federais, SEBRAC, SENAI, entre outros, os quais estão especializando jovens. No entanto, acaba qualificando-os e retirando-os do campo.

Outro problema observado é a necessidade do produtor da Campanha Meridional em aprender à utilizar a assistência técnica, pois muitos reclamam da falta de ajuda, mas raramente solicitaram auxílio técnico da EMATER, prefeitura e/ou outros órgãos. Em relação ao acompanhamento técnico disponível pela EMATER, este não é suficiente, devido aos poucos profissionais disponíveis e ao grande número de propriedades e pelas grandes distâncias entre as mesmas.

Os médios e grandes produtores contratam assessorias e técnicos, ou também recebem auxílio dos vendedores de insumos. Os pequenos produtores precisam de auxílio constante, desde agrônomos, zootecnistas e veterinários, pois muitas vezes, acabam



perdendo seus animais por falta de ajuda e/ou também pela distância das áreas urbanas. O que poderia ser resolvido se os mesmos tivessem algum conhecimento para amenizar e/ou solucionar alguns problemas de seu cotidiano.

Em relação às linhas de crédito, a maioria dos produtores realizam financiamentos, geralmente os oriundos do PRONAF (Mais Alimentos). No entanto, os entrevistados reclamam da burocracia existente nos bancos e a demora em liberação do crédito. Os grandes agricultores utilizam também os financiamentos de engenhos. Quanto ao agricultor familiar, este sofre mais que o assentado para ter acesso ao crédito, pois este último dispõe de um número maior de programas do governo.

As estradas de todo interior dos municípios são um dos principais problemas para o escoamento da produção, para a locomoção do produtor e também a acessibilidade dos técnicos chegarem até as propriedades.

Considerações

O espaço rural da Microrregião Geográfica da Campanha Meridional está passando por profundas transformações na sua estrutura produtiva, no entanto, essas se caracterizam por serem mais de caráter tecnológico, do que propriamente, a alteração da matriz tradicional. Desse modo, o que ocorre é um aperfeiçoamento técnico desta matriz baseada no trinômio pecuária-arroz-soja, pois quando o produtor não se insere no processo de modernização do campo, a tendência é ser excluído.

Considera-se o fator cultural da microrregião como um dos principais entraves ao desenvolvimento regional, o qual deveria passar por profundas mudanças sociais, para que se possa pensar em desenvolvimento. Este poderia ser amenizado com o auxílio da extensão rural, a qual contribuiria para a qualificação do homem no campo, como também, para apresentar a estes produtores tradicionais, novas técnicas e tendências econômicas.

A Microrregião Geográfica da Campanha Meridional enfrenta o desafio de atrair e reter empreendimentos, seja pela ausência de infraestrutura na malha viária e/ou a estiagem que ocorre frequentemente. Para reverter esta situação é importante observar que a atual situação econômica e social depende de um conjunto de ações e de iniciativas visando o seu desenvolvimento. Como a economia do município está concentrada no setor primário, é nele que as políticas públicas devem ser estimuladas. Pois o espaço rural possui diversas

potencialidades, as quais não são aproveitadas de modo satisfatório, acarretando diversas fragilidades no mesmo.

Ressalta-se a importância em dar continuidade nas cadeias produtivas que apresentam potencialidades, beneficiando não apenas um tipo de produtor, mas a sociedade em geral, seja ela oriunda do campo, trabalhando diretamente na produção, ou do espaço urbano, trabalhando em agroindústrias e comércios voltados a estas cadeias produtivas.

Desse modo, cabe aos governantes locais/estaduais, a criação e execução de projetos e/ou políticas públicas para estimular os produtores rurais, além de incentivar a instalação de indústrias de beneficiamento dos produtos produzidos na Microrregião, por meio de redução de impostos e incentivos fiscais, fornecendo a infraestrutura necessária para o crescimento do setor primário, aumentando o número de empregos locais e minimizando as desigualdades econômicas e sociais.

REFERÊNCIAS

CAMPANHOLA, C; GRAZIANO DA SILVA, J. Desenvolvimento local e a democratização dos espaços rurais. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 17, n. 1, p. 11-40, jan./abr., 2000.

CARGNIN, A. P. **Políticas de desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul**: vestígios, marcas e repercussões territoriais. 2011. 317 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FARAH JUNIOR, M. F. Orçamento público e gestão governamental. In: SILVA, C. L. da. (Org.). **Políticas Públicas e Desenvolvimento Local**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 39-67.

MORAES, F. D. **A organização espacial de Mata/RS**: reestruturação produtiva no seu espaço rural. 2009. 155f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo : Hucitec, 1996.

SIEDENBERG, D. R. A gestão do desenvolvimento: ações e estratégias entre a realidade e a utopia. In: BECKER; D. F.; WITTMANN, M. L. **Desenvolvimento Regional**: abordagens interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 157-173.



SILVA, C. L. da; BASSI, N. S. S. O uso e estudos prospectivos no processo de políticas públicas. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 15, n. 2, p. 315-325, 2011. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/919997/1/OUSODEESTUDOSPROSPECTIVOSNOPROCESSODEPOLITICASPUBLICAS.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA. **Tabela 1612**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&o=1&i=P&e=l&c=1612>>. Acesso em: 10 maio 2015.

SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA. **Tabela 3939**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&o=1&i=P&e=l&c=3939>>. Acesso em: 10 maio 2015.